

“A onda” e a fascistização do mundo: Uma reflexão com Hannah Arendt sobre a crise da educação

“The wave” and the fascistization of the world: A reflection with Hannah Arendt on the education crisis

“La ola” y la fascistización del mundo: Una reflexión con Hannah Arendt sobre la crisis educativa

Hamilcar Silveira Dantas Junior¹ , Deise Cássia de Macêdo Silva¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Email: hamilcar72@academico.ufs.br

Como citar: Dantas Junior, H. S. & Silva, D. C. M. (2025). “A onda” e a fascistização do mundo: Uma reflexão com Hannah Arendt sobre a crise da educação. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 18(37), e23825.

<http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v18i37.23825>

RESUMO

A ascensão da extrema-direita contemporânea gerou uma guinada autoritária no mundo, que vem demarcando o rumo do debate político. Através da análise fílmica temática do filme “A Onda” (2008), traçamos um paralelo com a fascistização do mundo, sob o viés da crítica à educação de Hannah Arendt relacionando totalitarismo, *amor mundi*, responsabilidade e ação pedagógica. Tomando a educação como preparação dos recém-chegados ao mundo e um problema político de responsabilidade dos adultos, refletimos como fazer da escola, um espaço que pulse liberdade, criticidade, pela mediação do professor. Na dinâmica narrativa fílmica, um professor ao tratar sobre autocracia, propõe a criação de um grupo denominado A Onda. Esse experimento pedagógico atinge os alunos em sua autoestima, fortalecendo o pertencimento e a disciplina, todavia gerando alienação e uma escalada de fanatismo e violência, culminando em uma tragédia, que reflete uma sociedade de indivíduos em coletividade, porém completamente isolados e atomizados.

Palavras-chave: Fascistização. Crise da educação. Hannah Arendt. Ação pedagógica.

ABSTRACT

The rise of the contemporary far-right has generated an authoritarian shift in the world, which has been defining the course of political debate. Through the thematic film analysis of the film “The Wave” (2008), we draw a parallel with the fascistization of the world, from the perspective of Hannah Arendt's critique of education, relating totalitarianism, *amor mundi*, responsibility and pedagogical action. Taking education as preparation for newcomers to the world and a political problem for which adults are responsible, we reflect on how to make school a space that pulses

with freedom and critical thinking, through the mediation of the teacher. In the film's narrative dynamics, a teacher, when discussing autocracy, proposes the creation of a group called The Wave. This pedagogical experiment affects students' self-esteem, strengthening belonging and discipline, but generating alienation and an escalation of fanaticism and violence, culminating in a tragedy that reflects a society of individuals in a collective, yet completely isolated and atomized.

Keywords: Fascistization. Education crisis. Hannah Arendt. Pedagogical action.

RESUMEN

El ascenso de la extrema derecha contemporánea ha generado un cambio autoritario en el mundo, que ha definido la dirección del debate político. A través del análisis temático de la película "La Ola" (2008), trazamos un paralelo con la fascistización del mundo, desde la perspectiva de la crítica a la educación de Hannah Arendt, relacionando totalitarismo, amor mundi, responsabilidad y acción pedagógica. Tomando la educación como preparación para los recién llegados al mundo y un problema político del cual los adultos son responsables, reflexionamos sobre cómo hacer de la escuela un espacio que palpita con libertad y pensamiento crítico, a través de la mediación del docente. En la dinámica narrativa de la película, un profesor, al hablar de autocracia, propone la creación de un grupo llamado La Ola. Este experimento pedagógico socava la autoestima de los estudiantes, fortaleciendo su sentido de pertenencia y disciplina, pero también genera alienación y una escalada de fanatismo y violencia, culminando en una tragedia que refleja una sociedad de individuos que viven en colectividad, pero completamente aislados y atomizados.

Palabras clave: Fascistización. Crisis educativa. Hannah Arendt. Acción pedagógica.

INTRODUÇÃO

Após os genocídios que demarcaram o século XX, notadamente a Shoah, na Alemanha nazista, ainda que tenhamos passado por uma Guerra Fria, ameaça de um conflito nuclear, uma série de guerras e ditaduras na segunda metade do século, não se imaginava a possibilidade de novas investidas de cunho supremacista racial, discursos xenofóbicos e políticas de Estado com base em discursos de ódio.

Entretanto, a ascensão de políticos de Extrema-Direita como Viktor Orbán, na Hungria, de Recep Erdogan, na Turquia, de Mateus Salvini e Georgia Melone, na Itália, bem como a guinada autoritária nos Estados Unidos com Donald Trump e no Brasil com Jair Bolsonaro, tem nos revelado que misoginia, xenofobia, racismo, homo e transfobia têm sido pautadas sob a justificativa moralista de combate ao "comunismo", a proteção à vida em causas anti-legalização do aborto, proteção aos empregos contra os inimigos que vêm de fora, os imigrantes, assim como a normalização do ódio, na imprensa e nas bigtechs. O cenário é de retorno de discursos, pautas e ações que convergem a plataformas totalitárias demarcando o rumo do debate político atual.

Em tempos de banalização de conceitos, nos quais os rótulos de "comunista" ou "fascista" são anexados em ideias ou pessoas que, tão somente, pensam fora do meu campo ideológico, torna-se fundante pensar os nexos contextuais dos processos políticos. Desse modo, ainda que consideremos as características essenciais do "Fascismo histórico", consolidado na Itália das décadas de 1920 e 1930, as características do mesmo se amplificam, conforme assevera Umberto Eco (2019), ecoam, reverberam e se cristalizam até hoje, na forma do Ur-fascismo ou fascismo eterno, posto que o mesmo é uma colagem de diversas ideologias políticas em permanente contradição para dar sustentação a projetos autocráticos de poder. Culto à tradição, recusa da modernidade, ação pela ação acrítica, nacionalismo chauvinista são práticas recorrentes em diversos países do mundo demonstrando que "o Ur-fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis" (Eco, 2019, p. 60).

Face a tal avanço retornamos a um clássico do pensamento político do século XX, os estudos da filósofa alemã Hannah Arendt, a afim de refletir acerca da crise da educação tendo o filme "A

onda”, de Dennis Gansel (2008) como uma via de interlocução e uma janela de olhar para o mundo. Pautando-se em uma análise fílmica temática, nos moldes de Aumont e Marie (2003), o texto se propõe a abordar o debate sobre educação nos textos de Hannah Arendt e encontrar possibilidades de vislumbre das reflexões de Arendt no filme “**A onda**”, tendo como categorias conceituais centrais: totalitarismo, *amor mundi*, responsabilidade e ação pedagógica.

HANNAH ARENDT E SUAS REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO

A análise das reflexões de Hannah Arendt sobre a educação, que aqui nos dedicaremos, se ampara em dois textos específicos: “Reflexões sobre Little Rock” (escrito em 1957, publicado em 1959); e “A crise da educação” (escrito pós-conferência em 1958, publicada em livro no ano de 1961).

Em “A crise da educação”, Arendt (2016) dedica-se de modo detido ao conceito amplo de Educação e às dimensões estritas do fazer pedagógico. A reflexão sobre educação articula-se com suas reflexões sobre a condição humana, a crise política da modernidade rumo a uma sociedade de massas, perda das referências às atividades humanas e submissão a critérios utilitaristas e necessidades inventadas.

A filósofa alemã infere que a essência da educação é o conceito de natalidade, qual seja, a raiz ontológica da ação humana, posto que cada nascimento individual é um novo início social. Por consequência, cabe compreender a dinâmica entre o mundo constituído e a chegada dos novos habitantes (crianças) que devem intervir nele. Para Arendt (2016), mundo é o que temos em comum ou o espaço *entre* os homens.

Em “A condição humana”, seu texto seminal acerca da existência humana nas sociedades históricas do Ocidente, publicado em 1958, Arendt (2007) define o mundo como o espaço constituído pela ação (*action*). Não obstante, dois elementos antecederam o mesmo: o Trabalho (*labor*), qual seja, as atividades humanas preocupadas com as necessidades vitais, que perfazem do homem, um *animal laborans*; e a Fabricação (*work*), reveladora da condição humana de produzir artefatos, objetos e espaços que demarcam a construção de uma segunda natureza, ou o *homo faber*.

Por seu turno, Agir (*action*) é a única atividade dos homens que cria um espaço-entre, um “mundo comum”, lugar da política e da história (*vita activa*). Se faz, desse conceito, a crítica, a partir de sua primeira obra (“As origens do totalitarismo”, 1951), ao mundo que nos conduziria à mera condição de *laborans* através das sociedades de massa e dos totalitarismos.

Arendt (2016), então, reflete acerca de seu conceito central de *Amor mundi*: diferente do amor em Santo Agostinho (objeto de sua tese de doutoramento), o *amor mundi* está vinculado à responsabilidade e contribuição ativa de todos com o mundo. Propõe-se impedir que o mundo (instituições, leis, políticas) seja alterado ao sabor das circunstâncias e interesses privados. *Amor mundi* enquanto nosso sentido de pertença ao mundo traz consigo uma angústia permanente em se sentir um estrangeiro em seu próprio mundo.

Em um mundo já existente, a Educação referir-se-ia à preparação dos recém-chegados a um mundo que lhes antecede e por isso deve ser repensada continuamente. Quem educa assume responsabilidade sobre o mundo, não só pelo desenvolvimento da criança, pois

esses recém-chegados, além disso, não se acham acabados, mas em um estado de vir a ser. Assim, a criança, objeto da educação, possui para o educador um duplo aspecto: é nova em um mundo que lhe é estranho e se encontra em processo de formação; é um novo ser humano e é um ser humano em formação. [...] Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a

preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação a seus filhos (Arendt, 2016, p. 139).

Um aspecto fundamental é que, nas críticas comuns a certa postura conservadora de Hannah Arendt não consideramos procedente pois, segundo a mesma, a educação deve mudar por sua estabilidade: só o que é mutável é passível de transformação.

Para Hannah Arendt, a educação é um problema político, posto que seja fundamental, nas sociedades contemporâneas, apreender a dimensão da liberdade e as tensões entre público e privado. Como base para explicar essas inferências, Arendt (2004) analisa os conflitos na cidade de Little Rock, capital do Arkansas¹.

É factível compreender que a decisão da Suprema Corte resultou na tentativa de resolução de um problema social empurrando-o para a educação, especificamente para o âmbito escolar, antes de tratar de direitos políticos. Há uma distinção entre o privado (lar), o social (idiosincrasias do espaço público) e o político (espaço institucional dos direitos, da igualdade e da liberdade) que precisa ser compreendido pela sociedade, mas sanado pela ação do poder público.

Duas críticas são centrais para Arendt (2004): a primeira, da responsabilidade dos adultos, na qual, os cidadãos cumpridores da lei, brancos e negros, deixaram as ruas para a turba e não consideraram seu dever de cuidar para que as crianças negras fossem em segurança para a escola; a segunda, da questão da igualdade política alimentando o ódio social:

o princípio da igualdade, mesmo na sua forma americana, não é onipotente; não pode igualar características naturais, físicas. Esse limite só é atingido quando são eliminados os extremos das desigualdades da condição econômica e educacional, mas nessa conjuntura surge invariavelmente um ponto crítico, bem conhecido dos estudiosos da história: quanto mais iguais as pessoas se tornam em todos os aspectos, - quanto mais igualdade permeia toda a textura da sociedade, mais as diferenças provocarão ressentimento, mais evidentes se tornarão aqueles que são visivelmente e por natureza diferentes dos outros” (Arendt, 2004, p. 268)².

Sem resolução das questões políticas mais complexas torna-se dificultoso que a educação formal, tão somente, seja capaz de dirimir as tensões. Para Arendt (2016), a educação já passava por uma crise que é da autoridade e da tradição. Precisa-se ir além do conceito para problematizar a operacionalização pedagógica.

A filósofa alemã tece duras críticas às propostas psicopedagógicas vigentes à época que: ora envolviam uma “politização despolitizadora”, ora uma “infantilização da educação”, por consequência da política. Já questionava, em seu tempo, uma formação docente pautada no “ensinar a ensinar”, não sobre refletir as problemáticas políticas, sociais e educacionais. Para Arendt (2016), a crise da educação e da autoridade liga-se à crise da tradição à nossa relação com o passado.

A ação pedagógica é política, pois o professor educa e assume diante deles sua responsabilidade pelo mundo. Professor é mediador, não “suporte técnico”, mas aquele que impulsiona o desenvolvimento de qualidades e talentos pessoais. O docente deve buscar a

¹ Em 17 de maio de 1954, a Suprema Corte dos Estados Unidos, no julgamento *Brown vs. Board of Education of Topeka*, decidiu por unanimidade, a inconstitucionalidade da segregação racial nas escolas de todos os Estados (SMITH, 1965). Após rejeitar recursos da cidade de Little Rock para adiar o processo de dessegregação racial nas escolas, a Corte exigiu que o Executivo garantisse a segurança física e o acesso de nove estudantes negros que, no dia 4 de setembro de 1957, foram agredidos ao tentarem entrar na Little Rock Central High School.

² Traço um paralelo com os discursos de ódio contra as cotas étnico-raciais e políticas afirmativas no Brasil, posto que desde os primeiros debates na década de 2000, o discurso da meritocracia, da igualdade constitucional (em um país fincado na desigualdade social, econômica, política e cultural) e no “não estímulo ao racismo” e à divisão social no país, disfarçavam tão somente as apologias liberais como as do Instituto Millenium, publicadas na Revista Exame, por exemplo (Lewgoy, 2009).

singularidade dos alunos e alunas, fazendo-os se perceberem não como forasteiros no mundo, mas sujeitos políticos neste!

Isso posto, chegamos à síntese de Arendt (2016, p. 146):

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Como pensar concretamente os espaços escolares como campos de tensão e luta por um horizonte democrático? Como fazer da escola, frente aos avanços discursivos neofascistas, um espaço que pulse liberdade e pensamento crítico? Tais questões serão refletidas a partir da representação fílmica de uma experiência educacional que caminhou para uma tragédia anunciada.

REFLEXÕES SOBRE “A ONDA”, A PARTIR DE HANNAH ARENDT

A experiência de vivência autocrática em um ambiente escolar que se denominou “A Terceira Onda”, aconteceu na cidade de Palo Alto, Califórnia, em 1967. Na disciplina de História do Mundo Contemporâneo, na Cubberley Senior High School, o Professor Ron Jones propôs demonstrar como uma comunidade pode ser influenciada por um líder carismático que os atinja em sua autoestima, agregue valor ao sentimento de irmandade e coletividade, estimulando a um sentimento gregário que pode levá-los à alienação e extremos de violência. Os alunos abraçaram a atividade e se viram subservientes à direção do Prof. Jones, criaram um grupo unitário denominado “A Terceira Onda”, com vestimentas, saudações e ações violentas e discriminatórias. Quando tudo parecia fugir do controle e afetava toda a comunidade, o Prof. Jones demonstrou a todos como se tornaram partícipes de uma ação fascista, seduzidos por um discurso raso, porém eficiente, posto que atingia as frustrações e desejos reprimidos dos alunos.

Segundo Barbosa (2019), a experiência da “Terceira Onda” aconteceu em uma sociedade imersa na insatisfação pela Guerra do Vietnã, pela luta de garantia dos Direitos Civis, de oposição aos rumos do Governo constituído que, contraditoriamente, foi realizada por uma juventude que serviu ao seu oposto, a subserviência à restrição de liberdade e à disciplina cega, tudo por um sentimento de pertença a um grupo que garantia segurança e uma atitude de mudança social. Nesse processo, aparentemente meritório em suas intenções, conclui Barbosa (2019, p. 89) que,

o próprio Jones estava dotado de fascismo e que em momento algum mencionou que esse experimento era fascista e após uma conclusão forçada, ele não se avalia. Jones apresentou uma ausência total de empatia pelos resultados de suas ações e, assim, podemos perceber em sua figura a fonte da educação autoritária, pois é desprovido de qualquer confraternidade em prol de suas ideias. Jones, apesar de ver a violência crescer entre seus alunos, continua com o processo para ver até onde ele chegaria. Sua ação é culpar os alunos, criticar a escola, mas não a si mesmo e sua postura.

Esse episódio teve duas adaptações cinematográficas. A primeira, realizada em 1981, é um média-metragem produzido diretamente para a televisão estadunidense, sob a direção de Alexander Grasshof, que se passa nos Estados Unidos mesmo. Na trama, o professor de High School, Burt Ross, ao explicar aos alunos a ascensão do discurso nazista e aceitação cega pela população alemã, na década de 1930, é interpelado pelos discentes acerca de como isso foi possível acontecer.

Ross propõe então realizar uma experiência pedagógica parecida em um ambiente controlado, a sala de aula. O grupo passa a adotá-lo como Líder, assume um slogan, “Poder, Disciplina e Superioridade”, bem como um símbolo imagético e gestual, além de um nome que os representasse: “A Onda”. O sentimento gregário de pertencimento envolve toda a escola em um movimento que escala ao fanatismo e violência. Perto de sair do controle, o experimento é encerrado pelo Prof. Ross ao demonstrar aos alunos como os mesmos aderiram a uma ideologia autoritária, perdendo a capacidade crítica, obedecendo cegamente um líder e descambando para a violência contra todos aqueles não partícipes do seu grupo (A Onda, 1981).

Não obstante essa versão mais próxima dos eventos reais, nos interessa para esta análise o filme de Dennis Gansel, “A Onda”, produzido na Alemanha e lançado em 2008. Dada a condição de extensão da narrativa, o longa-metragem de Gansel aprofunda os processos de conversão da turma aos discursos e comportamentos fascistas, oportunizando também observar a transformação do professor, seduzido por sua própria vaidade em ser seguido e admirado.

Em uma escola de Ensino Médio na Alemanha, Rainer Wenger é professor de Ciência Política e treinador da equipe de polo aquático. Em um projeto escolar semanal, Rainer pretendia trabalhar com o tema “anarquismo”, mas por circunstâncias alheias à sua vontade, acaba tendo de abordar o tema da “autocracia”. Em meio aos debates iniciais, a turma, cansada dos discursos sobre responsabilidade histórica da Alemanha pelos crimes nazistas, afirma que uma ditadura nos mesmos moldes jamais seria aceita na Alemanha moderna. A fim de demonstrar o erro dos alunos nesta crença, Rainer inicia o experimento que daria origem à “Onda”.

A adoção de uma postura disciplinadora rígida, uso de uniformes, de um emblema e uma saudação, a realização de festas exclusivas aos membros d’A Onda, as manifestações escolares e as pichações na cidade irão escalar para uma violência que culmina em um fim trágico. A obra de Gansel é, do ponto de vista formalista, bastante burocrática em suas composições de quadros, planos, uso de sons e músicas, segue um tempo linear em sua narrativa e busca o choque no seu clímax. A proposta aqui é refletir sobre a temática e os processos que fizeram com que os alunos imergissem em uma dinâmica de fraternidade violenta, abrindo mão de suas próprias capacidades reflexivas à luz das provocações de Hannah Arendt.

EM DIREÇÃO AO TOTALITARISMO

O Prof. Rainer Wenger se incumbiu da tarefa de abordar o tema da Autocracia, na sua atividade especial na turma de Ensino Médio. Esse modelo de governo se caracteriza pela concentração do poder decisório nas mãos de um indivíduo ou grupo social seletivo e específico, de maneira tal que não existam restrições legais e institucionais, muito menos mecanismos regulatórios que demarquem a soberania popular (Chatterje-Doody; Weiffen, 2023).

No ano de 1950, já residindo nos Estados Unidos, após fugir da perseguição nazista na Alemanha, Hannah Arendt lançou uma obra que se tornaria clássica: “As origens do totalitarismo”. Sua perspectiva era demarcar o avanço nazista na Alemanha sob a direção de Adolf Hitler, bem como a consolidação do socialismo na União Soviética, conduzido por Josef Stálin, como exemplos de autocracia que denominou, de forma contundente, como totalitarismos. Não obstante as falsas equivalências entre os dois governos e suas bases teóricas, bem como suas análises sem bases materiais (posto que ela não tinha acesso a documentos da União Soviética, que só começariam a vir a público a partir de 1956) sobre a experiência soviética, o texto apresenta um dos mais fecundos debates e aprofundamentos teóricos do conceito de totalitarismo.

Segundo Arendt (2012), o totalitarismo é uma forma de dominação nova que combina ideologia e terror, mas não se sustenta simplesmente em exclusão dos homens da vida pública, destruindo sua participação política pelo uso da violência. Nesse modelo, mina-se a capacidade organizativa dos indivíduos atomizando-os e destituindo-os de si mesmos, em torno de uma massa

homogênea que vai ganhando capilaridade no tecido social e se vinculando a um passado idealizado ou a uma ficção histórica de destino consagrado ou determinado. Tal orientação política somente é possível, sob a ótica da filósofa alemã, pela existência das massas historicamente alijadas dos processos decisórios e participação política efetiva. O movimento totalitário atinge essa massa excluída no âmago de suas frustrações e ressentimentos, destacando que a democracia burguesa constituiu uma ilusão participativa não sustentada em uma dinâmica social concreta. Nesse processo, o totalitarismo ataca uma ilusão central, “a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação” (Arendt, 2012, p. 440).

No espaço da sala de aula do Prof. Wenger, essa massa de sujeitos está representada por alunos com diferentes origens, classes sociais, demandas e frustrações. Marko, Karo, Sinan, Bomber, Mona, Jens, Kevin são alunos e alunas que vivem imersos em uma existência sustentada em baladas, bebedeiras e uso de drogas, enquanto outros, como Tim, vivem reclusos aos seus mundos solitários. Uma existência vazia e ausência de referências, posto que todos têm pais ausentes ou negligentes, os professores estão desinteressados em compreender essa existência dos alunos e não há perspectivas de futuro a longo prazo, pois também não estão interessados no que a escola pode oferecer, à exceção de alguns deles, dedicados atletas de polo aquático.

Quando o Prof. Wenger enxerga a oportunidade de constituir uma experiência social concreta com eles, finalmente eles se percebem partícipes de algo real, que os acolhe e ouve. Essa massa finalmente começa a se sentir ativa! Herr Wenger constrói uma relação e uniformização da massa de alunos daquele curso. Ao construir uma simbologia em discussão coletiva com a turma, a experiência resulta n’A Onda, o que vai amplificar os ecos para além da sala de aula: o culto à liderança de Wenger, aquele que guia, mas ouve os seus guiados; a disciplina expressa na marcha, na gestualidade, no símbolo visual do grupo, na cor branca; a empolgação na definição das estratégias de divulgação d’A Onda pela cidade; finalmente, nos discursos uniformizantes das redações entregues ao final da semana (“tornarmo-nos um só movimento”). Esse movimento repercute em ataque aos símbolos de consumo, da política, da cultura e da religião, de modo mais contundente na cena em que Tim, o mais tímido e recluso, agora aceito e abraçado pelos que lhe faziam *bullying*, queima no quintal de sua casa todas as suas roupas e acessórios de marcas consagradas em um ritual de purificação, semelhante às fogueiras de livros nazistas da década de 1930.

Esse cenário do filme revela a sociedade moderna atomizada de indivíduos vivendo em coletividade, porém completamente isolados e solitários. Wenger percebe, sem ainda ter a dimensão de até onde a experiência poderia chegar, que a turma poderia tender a uma lógica autocrática perigosa, posto que essa integração a um grupo é o preenchimento dos vazios e ausências anteriores, a criação de um sentido de identificação, pertencimento e segurança. Urde-se, por conseguinte, o cenário ideal para a consecução dos totalitarismos, tendo em vista que, conforme Arendt (2012, p. 453-454):

Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual. Essa exigência é feita pelos líderes dos movimentos totalitários mesmo antes de tomarem o poder e decorre da alegação, já contida em sua ideologia, de que a organização abrangerá, no devido tempo, toda a raça humana. [...] Não se pode esperar essa lealdade a não ser de seres humanos completamente isolados que, desprovidos de outros laços sociais — de família, amizade, camaradagem — só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem a um partido.

A experiência de Herr Wenger, que se pretendia genérica e universal, mas tão somente circunscrita àquele ambiente escolar, ganhou a dimensão violenta e trágica pois o professor não percebeu o nível de frustração e dissociação de laços daqueles jovens. Nesse contexto, a reflexão arendtiana é fundamental para a percepção do episódio d’A Onda: na sociedade de massas, certas diferenças são eclipsadas para que o espaço “entre” os homens seja sufocado pelo pertencimento da uniformidade em determinados grupos que, a depender do grau de desamparo e ressentimento, tendem à violência extremada.

TRADIÇÃO, HISTÓRIA E RESPONSABILIDADE

Em que medida podemos perceber a construção dessa sociedade atomizada, na qual os sujeitos alimentam os ressentimentos e frustrações que podem conduzir a espíritos ditatoriais ou mesmo Estados totalitários? De modo geral, historicamente existem condições gerais propícias à instauração de ditaduras: intensa desigualdade e injustiça social, inflação alta, altos índices de desemprego que impactam o poder de compra das classes médias e baixas, insatisfação política, geralmente impulsionada por discursos midiáticos que elegem os “inimigos” internos, além de um nacionalismo saudosista que idealiza um passado inexistente.

O avanço da extrema-direita em esfera global, com eleições diretas consagrando nomes como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Javier Milei, Mateus Salvini, Georgia Meloni, Viktor Orbán, Recep Erdogan tem sido uma tônica das primeiras décadas do século XXI. Segundo D’Angelo (2020), as crises de reprodução do Capital e as desigualdades sociais e de renda têm gerado instabilidade econômica e política que se reflete em uma onda neofascista, travestida de um discurso conservador. Nesse movimento, os problemas macrossociais ecoam diretamente em tensões individuais, misturando a esfera pública com a privada, notadamente no campo das mídias e redes sociais, elegendo um velho “inimigo” como alvo: “o velho fascismo e o atual consideram a esquerda como o grande inimigo a ser destruído, cultuam a violência, têm um discurso aparentemente crítico e ao mesmo tempo conservador, declaradamente racista, misógino, homofóbico e referenciado na família patriarcal” (D’angelo, 2020, p. 117).

A Alemanha tentou por décadas se reabilitar do massacre perpetrado contra diversas minorias sociais, principalmente os judeus, durante a II Guerra Mundial, notadamente contendo o avanço de grupos com discursos extremistas. Não obstante, cresceram nos últimos anos, grupos neonazistas (que assim não se denominam) que advogam os mesmos discursos xenófobos e eugênicos. Nesse cenário, está cada vez mais evidente que a experiência d’A Onda estava datada. O neonazismo já se instalou na cena pública alemã.

No cerne do filme, a experiência proposta pelo Prof. Wenger, tomava a crítica ao 3º Reich como referência, posto que o debate se acalora na primeira aula. Um dos alunos, chamado Bomber, afirmou: “já sabemos que o nazismo é uma droga! Não podemos nos sentir culpados por algo que a gente não fez!”. Ato contínuo, outra aluna, Mona, desde o início contrária ao experimento pedagógico, retrucou: “não é questão de culpa, mas de responsabilidade histórica!”. A clareza da responsabilidade histórica na Alemanha está posta na fala da aluna, inclusive baseado na crença de que essa responsabilidade estava enraizada na consciência coletiva da sociedade alemã. No entanto, a experiência revelaria que não, e nosso tempo histórico atual ratifica o contexto violento.

Nesse mesmo debate, outro aluno, chamado Sinan, afirma: “eu sou turco! Não tenho nada a ver com isso!”. Tal fala revela também o desconhecimento histórico ou o não assumir responsabilidades pelos processos históricos, tendo em vista que Sinan é um imigrante turco na Alemanha, a maior comunidade de exilados daquele país. A fala de Sinan oculta a responsabilidade turca por outro genocídio, o do povo armênio. Entre 1915 e 1923, as ações do Império Turco Otomano promoveram migrações e mortes em massa de cidadãos armênios que habitavam o território do Império. Ações como incêndios, afogamentos, campos de extermínio, uso de agentes

químicos e biológicos, deportações, grandes marchas migratórias e fome, além da destruição de símbolos e monumentos artísticos e culturais, provocou um número que varia entre 800 mil e 1,8 milhão de armênios mortos no período. O governo turco jamais reconheceu esse processo sistemático de extermínio e mantém até hoje uma política de negacionismo. Segundo Almeida (2013), os ódios seculares, alimentados pela política e pela religião, continuam a ser alimentados e, sem pressão internacional para que a Turquia reconheça seus crimes contra a humanidade, armênios, gregos, curdos, assírios, continuarão com suas feridas abertas e seus mortos maculados pela negação. A fala de Sinan revela que o processo negacionista turco e a ausência de responsabilidade por parte dos indivíduos têm sido exitosos. De igual modo, revela também que o exercício pedagógico proposto pelo Professor Wenger pode ir além da trágica experiência nazista da Alemanha.

Outro exemplo do conflito estabelecido pela experiência d’A Onda e que se materializa na perda de referências históricas e suas responsabilidades está no conflito entre os namorados Marko e Karo. Marko, atleta da equipe de polo aquático da escola, bem resolvido e bem relacionado, embarca na experiência e curte seus desdobramentos. No entanto, Karo, sua namorada, se contrapõe pois já percebe o avanço de uma tendência de fascistização do movimento. Como medida para conter a escalada d’A Onda, Karo escreve um texto crítico, o imprime e começa a distribuir pela escola e imediações. Em uma discussão acalorada que chega ao limite da agressão física (Marko desfere um tapa no rosto de Karo), Marko pergunta: “quem você pensa que é? Sophie Scholl?”.

Sophie Scholl, junto com seu irmão Hans, mais três colegas e um professor de Filosofia da Universidade de Munique integraram um grupo denominado “Rosa Branca”, com fins de distribuir panfletos e conscientizar a população alemã dos horrores perpetrados pelo seu governo, no seu país e nos países que a Alemanha estava invadindo desde 1939. As ações da Rosa Branca iniciaram-se em junho de 1942, insuflaram dezenas de outros jovens a aderirem à sua causa, mas Sophie e Hans foram detidos pela polícia nazista em fevereiro de 1943, condenados e executados no dia seguinte na guilhotina. O exemplo desses jovens é utilizado por Marko como crítica e deboche, retirando de seu sacrifício o valor necessário àqueles que lutam contra a injustiça, a opressão e a violência. Karo não se pretendia Sophie Scholl, mas estava consciente de seu papel na contenção do avanço despótico d’A Onda³.

Isto posto, a experiência d’A Onda é um exemplo concreto de como é necessário compreender o passado, para além do jargão do “não cometer os mesmos erros”, conforme atesta Arendt (2012, p. 12):

Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós — sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela — qualquer que seja.

³ No Primeiro Panfleto d’A Rosa Branca, distribuído em Munique no verão de 1942, há uma clara alusão ao papel social da população alemã e uma convocação às responsabilidades históricas da mesma: “E não estamos vendo a dimensão da ignomínia que se abaterá sobre nós e nossos filhos quando enfim a venda que cobre nossos olhos tiver caído e os mais horrendos crimes, que ultrapassam qualquer limite imaginável, vierem à luz? Se em sua mais profunda essência o povo alemão já está tão corrompido e degradado a ponto de, confiando levemente em uma duvidosa conformidade a leis da História, não mostrar reação para defender o que o ser humano possui de mais valioso e que o eleva acima de todas as outras criaturas, a saber, o livre-arbítrio, a liberdade de assumir o comando, de mover a Roda da História com as próprias mãos, subordinando-a à sua decisão racional; se os alemães, assim desprovidos de qualquer individualidade, já se tornaram uma massa tão insípida e covarde, então, sim, eles merecem a ruína” (Scholl, 2014, p. 7).

Esse ato de compreender e refletir o mundo se vincula diretamente ao nosso assumir como sujeitos de ação, que se compreendem partícipes do processo histórico, ainda que tenhamos vindo a um mundo anterior a nós, geralmente hostil a nós. Daí que a educação é um ato de construir esse responsabilizar-se pelo mundo.

EDUCAÇÃO COMO RESPONSABILIDADE PELO MUNDO

Postas estas questões, de quem é a responsabilidade pelo mundo e pela educação das crianças? Para Hannah Arendt (2016, p. 144), citando Shakespeare em uma passagem de Hamlet, a responsabilidade é um fardo, porém é um atributo humano arrumar o mundo, qual seja, um fardo que temos que carregar: "O tempo está fora dos eixos. Ó ódio maldito ter nascido para colocá-lo em ordem"⁴.

Ao observarmos a relação dos jovens com seus pais fica evidente a ausência e permissividade destes para com a educação e a disciplina dos filhos. A Mãe de Marko (o pai não aparece no filme, não sabemos se é órfão ou os pais são divorciados) e os pais de Tim revelam total incomunicabilidade e desinteresse pela vida social e educacional dos filhos. Já os pais da jovem Karo possuem uma ampla biblioteca, reveladora de um bom grau de instrução, têm comportamentos lascivos diante dos filhos e, além do desinteresse pela educação da filha, têm uma profunda permissividade com o filho mais novo, um adolescente arrogante, mimado e com comportamento machista em relação à irmã. Para a mãe de Karo: "os filhos têm que descobrir seus próprios limites"!

Sob a ótica severa de Hannah Arendt (2016, p. 142) acerca da responsabilidade dos adultos perante a educação dos filhos: "Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação".

De forma ainda mais incisiva, a filósofa alemã recriminaria veementemente a postura alienante e covarde dos pais desses jovens, ao provocá-los:

No fundo, é como se os pais dissessem diariamente aos seus filhos: "Neste mundo, nem mesmo nós estamos seguros em nossa casa. Como devemos mover-nos no mundo, que devemos saber, que competências devemos adquirir, são mistérios também para nós. Vocês devem pois, procurar desenvencilhar-se o melhor possível por vós próprios. Em circunstância alguma nos podem pedir contas. Somos inocentes e lavamos as mãos quanto ao vosso destino" (Arendt, 2016, p. 143).

A omissão conivente dos pais em educar seus filhos, em construir percepções acerca de suas responsabilidades históricas com o mundo futuro a partir da percepção de seus reflexos do passado gesta esses comportamentos tendentes ao autoritarismo e à violência. Na sociedade de massas, atomizadas e sem mediação dos pais, crianças e adolescentes podem ser guiadas como massa por um líder autoritário carismático que lhes estabeleça conexões com seus desejos e superação de frustrações.

Para Hannah Arendt assumir responsabilidade é essencial para construção de um mundo civilizado, o que inclui resistir às tendências totalitárias e fascizantes. Sua conclusão acerca do julgamento de Adolf Eichmann, em 1961, quando o mesmo se dizia apenas um "burocrata que cumpria o seu dever, por ter sido educado para cumprir ordens", é reveladora dessa premissa:

⁴ O diálogo específico citado por Hannah Arendt é travado entre Hamlet, seu amigo Horácio, o oficial Marcelo e o fantasma do Velho Hamlet. Na tradução de Millôr Fernandes, Hamlet conclui assim o diálogo: "nosso tempo está desnordeado. Maldita a sina que me fez nascer um dia para consertá-lo" (Shakespeare, 2014, p. 41).

Você disse também que seu papel na Solução Final foi acidental e que quase qualquer pessoa poderia ter tomado o seu lugar de forma que, potencialmente quase todos os alemães são igualmente culpados. O que você quis dizer foi que onde todos, ou quase todos, são culpados, ninguém é culpado. Essa é uma conclusão bastante comum, mas que não estamos dispostos a aceitar. [...] Pois política não é jardim de infância: em política, obediência e apoio são a mesma coisa (Arendt, 2006, p. 301-2).

Essa posição polêmica e contundente de Hannah Arendt já havia sido amplamente debatida e contestada quando a mesma adentrou o debate acerca da integração entre jovens brancos e pretos nas escolas estadunidenses no fim dos anos 1950. No texto “Reflexões sobre Little Rock”, Arendt assume a defesa das crianças negras inocentes atacadas pela horda de brancos enfurecidos, mas faz a crítica aos pais das vítimas por permitirem que seus filhos fossem expostos a essa violência por uma questão política. Para ela, era necessário que o Estado garantisse as condições de segurança das crianças, para que as mesmas não fossem “sacrificadas” por contendas políticas gestadas pelo mundo adulto. Arendt defendia a premissa republicana na qual o problema estava posto na não participação ativa da população negra da esfera política e das instâncias decisórias. Tal problemática seria prevalente à integração escolar forçada.

Seis anos após essa publicação, o intelectual e ativista afro-estadunidense Ralph Waldo Ellison teceu duras críticas a Hannah Arendt por ter culpabilizado as vítimas, não compreendendo a inexistência de distância, no cotidiano da população negra, entre a esfera social e a esfera política. Os pais das crianças negras as preparam para uma vida que será marcada pela violência do racismo em todos os âmbitos, inclusive o educacional/escolar. Isto posto, Ellison afirma que tal ação, apesar de parecer violenta, se consubstanciava em um “ideal do sacrifício” (Almeida, 2023).

Ao ler as críticas de Ellison, Hannah Arendt lhe enviou uma carta em julho de 1965, reconhecendo os limites da crítica que fizera e se desculpando por não compreender essa dinâmica violenta do racismo nos Estados Unidos e as formas de resistência. Na carta, a filósofa alemã declara:

Você está totalmente correto (*entirely right*): é justamente esse “ideal de sacrifício”, que eu não entendi; e, como meu ponto de partida foi uma consideração da situação de crianças negras em escolas integradas à força, essa falha em entender me levou realmente para uma direção totalmente errada (*entirely wrong*). [...] Eu sabia que estava de alguma forma errada e pensei que não tinha entendido o elemento de violência gritante, de medo elementar e corporal na situação. Mas suas observações me parecem tão inteiramente corretas (*so entirely right*), que agora vejo que simplesmente não entendi as complexidades da situação (Arendt apud Almeida, 2023, p. 30).

As reflexões arendtianas, inclusive suas percepções equivocadas e reorganizadas, convergem à necessidade de perceber as responsabilidades sobre a educação, as crianças e sobre as ações dos adultos em suas orientações para o mundo. Nesse sentido, toda ação pedagógica tem por princípio nos permitir compreender e conquistar autonomia sobre conhecimentos, práticas e relações sociais. O exercício compreensivo e reflexivo é imperativo em qualquer proposição desta natureza. A questão é demarcar os limites e perceber até onde se pode chegar com suas ações. Em que medida os adultos responsáveis pela escola onde se formou e eclodiu “A Onda” perceberam e reagiram a esse processo?

AÇÃO PEDAGÓGICA

Como temos acompanhado, na percepção arendtiana nenhuma ação humana é estéril e apolítica. Demonstramos, nesse percurso, que toda ação pedagógica assume ares de compromisso

e responsabilidade, notadamente quando se está ligada à crise política, à crise do espaço *entre* os homens.

No filme de Dennis Gansel, opta-se por demonstrar todas as ações pedagógicas dos professores envolvidos, de modo a demarcar de maneira bastante estereotipada o perfil dos mesmos à medida em que nos são apresentados.

Na primeira cena do filme acompanhamos um carro em alta velocidade, planos da cidade a partir de sua janela, guiado por um homem de jaqueta e boné preto, tamborilando o volante ao som de *Rock 'n' Roll High School*, canção da banda punk estadunidense, Ramones⁵. A canção já sinaliza as contradições que aparecerão no filme e que revelam, mesmo na distância temporal (1979, lançamento da canção, e 2008, a narrativa do filme), o espírito de um tempo de jovens descontentes com a escola e desiludidos com um tal "futuro". Na música, composta por Joey Ramone e Dee-Dee Ramone, ouvimos frases como: "Bem, eu não quero saber de história, porque não é lá que eu quero estar! [...] Eu só quero me divertir! Só quero pegar umas gatas! [...] Eu odeio os professores e o diretor, não quero que me ensinem a ser um otário, Rock, Rock, Rock'n'Roll High School!"⁶. Quando o homem desce do carro e adentra a escola, vemos um homem forte, alto, careca (pois já está sem boné), e sob a jaqueta de couro, uma camisa dos Ramones. À medida em que passeia pela escola é cumprimentado pelos alunos e alunas e descobrimos se tratar de Rainer Wenger, professor da mesma, formado em Educação Física e Ciência Política.

A entrada de Wenger em cena e a apresentação dos demais professores vai demarcando toda sorte de estereótipos dos mesmos, expressos nas vestes, nos modos de agir e nas interações entre si e com os alunos. Na sala dos professores, cada um em seu canto, ele procura por Anke, uma professora bem vestida, preparando material para sua aula e que comunica a Wenger que o mesmo havia sido convocado a uma reunião com a diretora. Descobriremos mais tarde que Anke é esposa de Wenger e que usa antidepressivos e ansiolíticos por conta da pressão no trabalho escolar. Ao dirigir-se à Diretora, Wenger é comunicado que, naquela semana de temas especiais, tratará de "Autocracia", mas o tema que lhe interessava era "Anarquia", direcionado ao professor Dieter Wieland. Na fala de Wenger, ele contesta a indicação de Wieland, pois segundo ele, teria mais aptidão para falar de Anarquia, pois estudou em Berlim, morou em ocupações e sempre vai às "manifestações do 1º de Maio".

A apresentação dos professores se complementa quando Wenger vai solicitar a Weiland que lhe permita trabalhar com o tema da "anarquia". Dieter Weiland é um professor sério, bem vestido, de terno e gravata, e confronta Wenger com o seguinte discurso: "o projeto é para mostrar à juventude, as virtudes da democracia. Ensinar a fazer coquetéis Molotov é assunto para a aula de química"! Essa apresentação demonstra o cenário docente em que se dará conflito: as vestes e maneirismos de Rainer Wenger o aproximam dos alunos por sua postura mais jovem e contestadora, enquanto os demais são mais sisudos, fazem citações em latim. Os alunos tratam-no pelo primeiro nome, não como os demais professores, tratados pelo pronome de tratamento *Herr* (Senhor) ou *Fräulein* (senhora) seguidos do sobrenome. De igual modo, se estabelece uma contradição: quem pode ensinar sobre "Anarquia", o intelectual que estuda o objeto ou o professor que viveu a experiência de movimentos anarquistas?

⁵ Os Ramones se formaram em 1974 e permaneceram em atividade, com alterações em sua formação original, até 1996. A canção *Rock 'n' Roll High School* foi lançada em compacto em 1979 para compor a trilha sonora do filme homônimo, de Alan Arkush. O filme se passa em uma escola secundária nos Estados Unidos, com foco em uma jovem fã dos Ramones, contestadora das normas educacionais e descrente no valor da escola para sua formação. A banda tem uma participação no filme, justamente performando a canção-título, que seria incluída no ano seguinte, no quinto álbum da banda: *End of the century* (Mulholland, 2011).

⁶ *Well I don't care about history, Cause that's not where I wanna be, I just wanna have some kicks, I just wanna get some chicks. Rock, rock, rock, rock, rock 'n' roll high school. [...] I hate the teachers and the principal, Don't wanna be taught to be no fool. Rock, rock, rock, rock, rock 'n' roll high school* (Tradução nossa).

A tensão entre os docentes vai escalando de modo sub-reptício, jamais explícito. Enquanto as ações d’A Onda vão ganhando força e se destacando na cidade, os conflitos entre os docentes vão se desvelando. Wenger é confrontado sobre seus métodos com a Diretora que, todavia, reconhece que houve um aumento do rendimento escolar dos alunos, os mesmos se tornaram mais disciplinados, o que despertou inclusive elogios dos pais. Por sua vez, a idolatria que os alunos dispensam a Wenger, a ponto de Tim dormir do lado de fora da casa do professor para garantir a “proteção” dele vai despertando desconfiança e inveja em Anke, sua esposa. Wenger não percebe que sua autoestima está se transformando em vaidade e soberba, estímulo à competitividade, não percepção da onda de preconceitos que advém d’A Onda, assim como não percebe que Anke começa a tomar mais remédios para enfrentar a rotina escolar.

A experimentação com a autocracia realizada por Wenger estabeleceu uma ação pedagógica que insuflou os jovens a um pertencimento imaginário que fechou círculos, enfatizou comunidades abstratas e geradoras de violência. Esse processo está na base de todo discurso propagandístico de caráter totalitário. Nas reflexões sobre o avanço totalitário, Arendt (2012, p. 485) asseverou que é nas franjas dos ressentimentos, solidões, desesperos e vazios existenciais que a comunicação fascistoíde se insere, momento no qual as massas modernas:

não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência; não confiam em seus olhos e seus ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte.

O que moveu os jovens da escola foi a crença de que essa irmandade criada artificialmente os protegeria de todo um sistema opressor, expresso na família, na escola e no Estado. O ato de seguir cegamente um líder ou uma ideologia uniforme que, não só os aproximava, mas precisava ser imposta a todos, fatalmente descambaria para a violência. Tais características não são ecos do nazifascismo, nem um privilégio dos jovens do século XXI. Já no fim do século XIX, Gustave Le Bon refletia sobre esse comportamento das massas, o que fez Sigmund Freud (2011, p. 19), em 1921, demarcar um comportamento assustadoramente atual:

Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência.

O clímax do filme se dá no ato final quando Wenger reúne toda A Onda no auditório da escola e promove um discurso que desvela os rumos fascistoídes que o movimento tomou:

Vocês trocaram sua liberdade pelo luxo de se sentirem superiores. Todos vocês teriam sido bons nazifascistas. Certamente iriam vestir uma farda, virar a cabeça e permitir que seus amigos e vizinhos fossem perseguidos e destruídos. O fascismo não é uma coisa que outras pessoas fizeram. Ele está aqui mesmo em todos nós. Vocês perguntam: como que o povo alemão pode ficar impassível enquanto milhares de inocentes seres humanos eram assassinados? Como alegar que não estavam envolvidos? O que faz um povo renegar sua própria história? Pois é assim que a história se repete! Vocês todos vão querer negar o que se passou com “A onda”. Nossa experiência foi um sucesso! Terão ao menos aprendido que somos responsáveis pelos nossos atos. Vocês devem se interrogar: o que fazer em vez de seguir cegamente um líder? E que pelo resto de suas vidas nunca permitirão que a vontade de um grupo usurpe seus direitos individuais. Como é difícil ter que suportar que tudo isso não passou de uma grande vontade e de um sonho (A Onda, 2008).

O discurso chega atrasado pois a tragédia se consuma! Inconformado que A Onda era simplesmente uma fantasia, uma quimera, Tim confronta Herr Wenger com um revólver, atira em um colega de sala de aula e depois se suicida com um tiro na cabeça. Wenger é preso por sua responsabilidade em conduzir os jovens a uma experiência que desencadeou uma violência mortal. Wenger percebeu do modo mais difícil, a contradição entre sua fala e a sedução do poder e da vaidade que lhe acometeram. Sua ação pedagógica saiu do controle docente pois o fazer pedagógico sem especificação dos objetivos, bem como dos modos de alcançá-los, recriou um simulacro de ações que resultaram no desencadear das potencialidades fascistas.

CONCLUSÃO

Concluimos a partir das leituras e análises postas que a reflexão de Hannah Arendt e sua perspectiva do *amor mundi* não pode simplesmente ser ensinada, deve ser operacionalizada na forma como nos relacionamos com o mundo. O sujeito que educa faz escolhas em relação ao mundo e para o mundo. Arendt (2008, p. 148) busca, em Walter Benjamin, um cúmplice para dar sentido e força ao *amor mundi*: ir ao passado, ressignificá-lo em seu poder inovador e inspirador, buscar a citabilidade do passado, não a transmissibilidade:

E esse pensar, alimentado pelo presente, trabalha com os ‘fragmentos do pensamento’ que consegue extorquir do passado e reunir sobre si. Como um pescador de pérolas que desce ao fundo do mar, não para escavá-lo e trazê-lo à luz, mas para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas, e trazê-los à superfície, esse pensar sonda as profundezas do passado — mas não para ressuscitá-lo tal como era e contribuir para a renovação de eras extintas. O que guia esse pensar é a convicção de que, embora o vivo esteja sujeito à ruína do tempo, o processo de decadência é ao mesmo tempo um processo de cristalização, que nas profundezas do mar, onde afunda e se dissolve aquilo que outrora era vivo, algumas coisas ‘sofrem uma transformação marinha’ e sobrevivem em novas formas e contornos cristalizados que se mantêm imunes aos elementos, como se apenas esperassem o pescador de pérolas que um dia descerá até elas e as trará ao mundo dos vivos — como ‘fragmentos do pensamento’, como algo ‘rico e estranho’ e talvez mesmo como perenes ‘fenômenos originários’.

Hannah Arendt demonstra que a responsabilidade histórica e educacional está relacionada, portanto, com a responsabilidade política com o espaço entre os homens, com a formação de gerações conscientes de seu papel político na construção do mundo. O professor Rainer Wenger, no último plano do filme rompe a quarta parede, olha diretamente para a câmera e nos fita diretamente nos olhos: a responsabilidade é de todos nós! Nesse sentido, a experiência pedagógica d’A Onda reflete o desafio proposto por Theodor Adorno (2020) em uma palestra em 1964: a de que a única finalidade da educação, dali por diante, seria impedir que Auschwitz se repetisse, ou seja, precisamos educar nossas crianças e jovens para um rumo distante da barbárie. Esse é o princípio do *amor mundi*.

Contribuições dos Autores: Dantas Junior, H. S.: concepção e desenho, redação do artigo, revisão crítica do conteúdo intelectual; Silva, D. C. M.: concepção e desenho, redação do artigo, revisão crítica do conteúdo intelectual. Os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: “Não aplicável”.

Agradecimentos: “Não aplicável”.

REFERÊNCIAS

- A Onda (The Wave). (1981). Direção: Alexander Grasshof. Elenco: Bruce Davison, Lori Lethin, John Putch, Johnny Doran, Pasha Gray, Wesley Pfenning. Los Angeles: TAT Communications Company, 46 min, color.
- A Onda (Die Welle). (2008). Direção: Dennis Gansel. Elenco: Jürgen Vogel, Frederick Lau, Max Riemelt, Jennifer Ulrich, Christiane Paul, Jacob Matschenz. Berlim: Rat Pack Filmproduktion, Constantin Film, B.A. Produktion, 107 min, color.
- Adorno, T (2020). Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Almeida, L.C.S. (2013). Armênios e gregos otomanos: a polêmica de um genocídio. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, V. S. (2011). Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo. São Paulo: Cortez.
- Almeida, V. S. (2023). Acerca da educação nas "Reflexões sobre Little Rock", de Hannah Arendt. Cadernos Arendt, Teresina, 4(7), 15-36.
- Arendt, H (2004). Reflexões sobre Little Rock. In: Arendt, H. Responsabilidade e julgamento. São Paulo: Companhia das Letras, p.261-281.
- Arendt, H. (2006). Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, H (2007). A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, H. (2008). Homens em tempos sombrios. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, H (2012). Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, H (2016). Entre o passado e o futuro. 8. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Barbosa, C.A. (2019). A Terceira Onda: história, educação e fascismo na Cubberley Senior High School (1967). 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- Chatterje-Doody, P.; & Weiffen, B. (2023). Autocracia, populismo e nacionalismo: desafiando a democracia, perturbando as relações internacionais? São Paulo: Instituto Brasil-União Europeia; FECAP.
- D'Angelo, M. (2020). Sociedade de classes e fascismo. In: REBUÁ, E. et al. (Org.). (Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Morula, p. 99-121.
- Eco, U. (2019). O Fascismo eterno. Rio de Janeiro: Record.
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lewgoy, B. (2009). Dez motivos para ser contra as cotas raciais. Exame, São Paulo, 31 jul. 2009. <https://exame.com/colunistas/instituto-millenium/dez-motivos-para-ser-contra-as-cotas-raciais/>
- Mulholland, G (2011). Popcorn: o manual dos filmes do rock. São Paulo: Seoman.
- Scholl, I. (2014). A Rosa Branca. São Paulo: Editora 34.
- Shakespeare, W. (2014). Hamlet. Porto Alegre: L&PM.
- Smith, B. (1965). They closed their school. Virgínia: University of North Carolina Press.

Recebido: 3 de setembro de 2025 | **Aceito:** 2 de dezembro de 2025 | **Publicado:** 30 de dezembro de 2025



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.